

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal

Data: 15.06.83

Lucio Flavio Pinto

1468
Os índios e o garimpo

Os índios Kayapó de Gorotire estão tomando banho de chuva na aldeia porque o rio da Ponte está inservível. Os do Kikretum fretam aviões para transportar latas de goiabada e creme de leite. São os resultados da penetração da garimpagem numa das reservas indígenas até então menos devassadas do Pará.

Algum dia os problemas que agora os Kayapó estão enfrentando haveriam de aparecer. Como seus primos, os Xikrin do Cateté, os Kayapó habitam terras que sempre foram muito cobiçadas. E a segunda maior reserva indígena do país, só superada em seus 2,7 milhões de hectares pelo Parque Nacional do Xingu, no Mato Grosso.

A frente pecuária que vinha do Araguaia parou nos limites do território Kayapó, uma precária linha divisória que o trágico exemplo da fazenda Espadilha (quando 21 pessoas foram mortas pelos índios) reavivou. A reserva transformou-se, com o passar do tempo, num vácuo cercado por frentes econômicas: ao sul, a Companhia Vale do Rio Dourado; a oeste, o loteamento do Iterpa; ao norte, o Projeto Tucumã, da Construtora Andrade Gutierrez; e a leste, diversas fazendas incentivadas pela Sudam.

Era um cerco lento e, de certa forma, cauteloso. O garimpo, porém, incrementou a velocidade das investidas e afetou profundamente a vida dos índios. No limite norte da reserva, o cacique Pombo assinou acordo com uma empresa, a Sheelita, que, respaldada em costas muito largas, despejou ali seus garimpeiros, uma modalidade nova e heterodoxa nesta época de sucedâneos à reforma agrária que a Amazônia está vivendo.

Impondo a cobrança de "royalties" de 10% sobre o valor da produção, Pombo criou uma razoável fonte de receita para ele, o que já está ocasionando uma série de problemas. Alguns índios parecem receosos de que o capitão tenha negociado apenas em seu nome e não em proveito de toda a tribo. O ingresso de dinheiro em volume não previsto está criando uma onda de consumismo que nada tem a ver com os padrões culturais do grupo.

Assustada com o risco da experiência, a Funai quer substituir o garimpo por uma lavra mecanizada, a fim de poder exercer o controle direto sobre uma empresa e responsabilizá-la pelos problemas que eventualmente surgirem. Eles já estão ocorrendo: além do esfacelamento da integridade tribal, começam a aparecer casos de prostituição, o que era de se esperar do contato entre índios e garimpeiros. A tradição conflituosa é extensa.

Substituir garimpeiros por empresa não constitui problema para Pombo se não houver interrupção de receita, se os 10% forem mantidos e se houver um compromisso por escrito para a recomposição da paisagem após a mineração. Não se sabe se existem essas exigências no contrato em vigor, mas a questão principal não é a fiscalização que os índios possam ou não exercer. Um técnico, em tom jocoso, diz que o garimpo do Rio Branco é original: nele, o índio pela primeira vez está explorando o branco. Além de exigir o pagamento de 10% de "royalties", Pombo é quem explora a cantina de onde saem os alimentos para os garimpeiros.

Evidentemente, trata-se de uma frase de efeito. De repente, como nunca antes, os índios passam a ter dinheiro, que gastam com gêneros aparentemente supérfluos. Nada haveria de estranho nessa volúpia consumista. Nós faríamos o mesmo. Só que os índios não são exatamente como nós. Nem melhores, nem piores: são mesmo diferentes. Através do dinheiro, estão sendo transformados em pessoas como nós. Ou melhor: parecidas.

Há projetos para transformá-los em garimpeiros. Outros pensam em deixá-los nas funções de controle e administração, no que já demonstraram competência invejável (como os Gaviões da reserva Mãe Maria). Mas se o contato (ou fricção) é inevitável, melhor seria encarar o problema pela melhor ótica que a civilização ocidental tem para oferecer-lhes, avaliando os efeitos positivos e as conseqüências malélicas. Enquanto os Kayapó do Kikretum estão indo buscar lata de goiabada de avião, seus irmãos do Gorotire, segundo o depoimento do delegado da Funai, Paulo Cezar Abreu, estão sendo obrigados a esquecer o uso do rio da Ponte, que passa em frente à aldeia, porque o garimpo do Cumaru está transformando-o em uma lama pastosa. Nem mesmo a navegação é mais possível porque o navegador não tem visibilidade sob as águas.

Ignorar que dentro da reserva existe ouro — e provavelmente muito ouro — é insensatez. Fingir que os garimpeiros não estão invadindo a reserva e entrando em contato com os índios é ingenuidade contraproducente. Mas abrir mão dos estágios civilizatórios, que separam as comunidades tribais do que os antropólogos chamam de sociedade envolvente significaria expor os Kayapó, como outros índios, a um massacre. Que nem sempre provoca derramamento de sangue, mas tem o mesmo significado. Não se trata de envolvê-los com uma tutela sufocante. Mas dar-lhes espaço para se protegerem e usufruírem das vantagens dessa distância. Se é que isso já não transformou-se em mera utopia.